



9/Montani

ANTÓNIO CARDOSO - 1978

9/Montanha

Tinta da china sobre papel

Fonte: *20 Desenhos de António Cardoso*. Edição do autor

CABRAL, Maria Luísa - *Amanhã é sempre longe demais: crónicas de Preservação & Conservação*. Lisboa: Gabinete de Estudos a&b, 2002. 199 p. (Estudos a&b. Teoria; 2). ISBN 972-98827-1-1.

Quem vê num escaparate de uma livraria esta espécie de livro de bolso, com uma imagem na capa, que se pode classificar entre algo sedutor e angelical, com um título atractivo, aliciante e seguido de um subtítulo absolutamente enigmático, pensa com certeza que se trata de um romance e, por certo, fica tentado a dar uma olhadela. Desilude-se aquele que busca aí um mero entretenimento (pese embora o facto de não ser nada entediante a leitura deste livro), mas fica agradado o especialista em conservação, o bibliotecário, o arquivista, o gestor de informação, o museólogo, o "aficionado" do Património, pela descoberta de uma obra que lhe diz muito e lhe será de grande utilidade.

A publicação deste livro de Maria Luísa Cabral merece ser assinalada,

desde logo, porque vem preencher uma lacuna na área da Preservação e Conservação de documentos gráficos. A literatura neste campo, em língua portuguesa e de autores nacionais, é uma verdadeira raridade sendo, pois, de acolher com entusiasmo as obras dedicadas à matéria. O livro reúne uma dezena de textos, produzidos entre Maio de 1995 e Outubro de 2001, que consubstanciam intervenções proferidas, na maioria dos casos, em conferências e em encontros nacionais e/ou internacionais, sendo que um ou outro já havia sido previamente publicado. Como a própria autora refere no texto que abre esta colectânea, *os artigos agora reunidos, embora muito focados na minha experiência e nos casos que melhor conheço, exprimem algu-*

*mas das minhas preocupações e revelam mesmo o percurso que fui amadurecendo* (p. 14), sendo, portanto, acima de tudo, reflexões e propostas de solução sobre/para problemas específicos de uma área ainda bastante desprezada em Portugal.

Maria Luísa Cabral é, hoje, uma referência indiscutível, no nosso país, em matéria de Preservação, no âmbito das bibliotecas (e, por analogia, dos arquivos), uma vez que, já há alguns anos, se vem dedicando aos problemas dos chamados "documentos gráficos", especialmente na Biblioteca Nacional, onde exerce a sua actividade desde 1985. A especialização que tem vindo a desenvolver não seria, contudo, tão conseguida, se ao estudo e experiência prática acumulada não pudesse aliar uma outra vertente, também ela uma especialização no seu curriculum académico e profissional - a de "gestão de bibliotecas", obtida no Master of Arts da Leeds Polytechnic School of Librarianship e posta à prova também na Biblioteca Nacional, especialmente no desafio de automatização desta instituição e das bibliotecas portuguesas, através da estruturação e lançamento da Base Nacional de Bados Bibliográficos (PORBASE).

Este livro de "crónicas" sobre Preservação e Conservação é especialmente escrito para bibliotecários, isto é, profissionais da informação a quem se exige, hoje, uma multiplicidade de competências, já não apenas as do foro da técnica biblioteconómica, mas muitas outras adaptadas à mudança que as tecnologias provocaram. Nestas competências contam-se os conhecimentos necessários para lidar com as tecnologias, um domínio de instrumentos de gestão e, sobretudo, uma capacidade de decisão fundamentada para, com eficácia, traçar objectivos e desenvolver projectos de carácter institucional, com eventuais parcerias exteriores. Estas ideias perpassam, num estilo sóbrio e claro, pelos vários textos que integram o livro. Maria Luísa Cabral compara o desafio da Preservação com o da Informatização, dois campos que atravessam transversalmente as bibliotecas, obrigando à definição e implantação de uma estratégia global.

A defesa de uma *intervenção sistemática e estruturada* constitui, no dizer da autora, *uma atitude bastante recente*, que *implica com todos os aspectos organizativos das instituições*, o que se contrapõe à visão dominante até há pouco, que privilegiava o restauro das espécies, entendido como uma intervenção

pontual e descontextualizada. Esta nova atitude é tanto mais de incentivar quando se verifica que *de todos os lados, as estatísticas confirmam que 25 por cento do património gráfico colectivo está em vias de desaparecimento* (p. 19).

As políticas e estratégias para a Preservação, vistas de uma forma genérica ou contextualizadas na Biblioteca Nacional, são tema da maioria dos textos, designadamente os cinco primeiros, o sétimo e o oitavo. A microfilmagem e a digitalização, alternativas que se complementam e que podem ser usadas como meios de transferência da informação, com vista a evitar a degradação ou perda irreparável dos suportes originais, são objecto de discussão nos restantes três textos, embora também sejam abordadas, com menos profundidade nos de temática mais geral.

Particularmente interessante, pelo seu carácter pedagógico, é o texto intitulado *Sensibilizar leitores e pessoal não especializado para os problemas da preservação* (p. 43-61), originalmente escrito em inglês e apresentado na Conferência Anual da LIBER, reunida em Berna, em Julho de 1997. Aqui se dá conta da política e das estratégias definidas para a Biblioteca Nacional em matéria de preservação e da forma como se procurou preparar o

público e o pessoal menos sensibilizado para a aceitação de algumas medidas algo "impopulares", mas decisivas para a salvaguarda das colecções antigas, únicas e valiosas que integram esta biblioteca patrimonial.

Ainda no mesmo texto, a autora sintetiza, em poucas palavras, os "ingredientes" essenciais de um verdadeiro Programa de Preservação e Conservação: *Por um lado, a sensibilização: por palavras, por actos concretos, pela formação. Depois, a comunicação. É indispensável a comunicação interpessoal e interdepartamental. [...] Depois, a acção. Uma vez localizado e identificado o problema, há que intervir mesmo que essa intervenção não compita por inteiro à pessoa que detectou o problema. Numa biblioteca, ninguém pode ficar indiferente às situações que se vão desenrolando e a adopção desta nova atitude constitui, em suma, a chave para grande parte do problema. Educar não tem, efectivamente, fim* (p. 60-61).

A completar e a fechar a obra, uma bibliografia selectiva, mas suficientemente elucidativa, que guia o *estudioso para uma bibliografia vastíssima e pluridisciplinar* (p. 197).

Fernanda RIBEIRO

SILVA, Germano – *Fontes e chafarizes do Porto*. Porto: Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento do Porto (SMAS), 2000, 244 p.

A água, como matéria vital para a existência da Humanidade, foi e é uma preocupação constante no espaço urbano desde a nascente, passando pela sua condução e distribuição. Por esta razão, na história na cidade um dos capítulos mais importantes é aquele que está relacionado com o fornecimento da água (expl.: *Agua, ciudad y territorio. Aproximación Geo-Histórica al abastecimiento de agua a Cádiz*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 1993; Mario Dal Mas e Roberta M. Dal Mas, *Le Fontane di Belluno*. Belluno: 1993; Rafael del Cerro Malagón – *La calle y el agua en el Toledo del siglo XIX. Propuestas y realidades urbanas*. Toledo: Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos. Diputación Provincial de Toledo, 1995). Por

vezes, as estruturas levantadas para a sua distribuição eram formas de grande qualidade arquitectónica, que tiveram na sua concepção os maiores vultos da arquitectura das respectivas épocas e o contributo dos melhores escultores no seu tratamento figurativo. A afirmação das fontes como objecto artístico de primeiro plano é particularmente importante no Renascimento e no Barroco, tanto no mundo urbano, como no jardim, outro expoente dos períodos referidos (expl.: *Fons Sapientiae. Renaissance Garden Fountains*. Washington : Dumbarton Oaks, Trustees for Harvard University, 1978 ; George Plumptre – *Juegos de agua. La presencia del agua en el jardín desde la antigüedad hasta nuestros días*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1994).

As fontes, os chafarizes e os aquedutos, assim como outras estruturas relacionadas com o fornecimento de água, e que poderemos incluir num título geral de arquitetura da água, não têm sido um assunto muito estudado entre nós, razão pela qual as publicações sobre o tema não serem frequentes. As fontes e chafarizes aparecem referidas: em trabalhos cujo tema central não lhes diz respeito; em pequenos trabalhos que são, devido à raridade, excelentes contributos para o seu conhecimento, e nalgumas obras que se dedicaram inteiramente ao seu estudo, das quais desejamos salientar uma publicação da Câmara de Lisboa de 1990 (*D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*: Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990, 2 vol.). Merece também a nossa atenção a entrada *Chafariz* inserida do *Dicionário da Arte Barroca em Portugal* (Editorial Presença, 1989, p.115-118), da autoria de Walter Rossa.

O panorama sobre o tema no Porto não se afasta da situação referida anteriormente. Para conhecermos o que está publicado sobre fontes e chafarizes do Porto (cuja história estava e continua a estar por fazer) temos que recorrer a livros, jornais, e revistas relacionadas com a cidade. Do que se publicou queremos mencionar dois arti-

gos que nos introduzem de uma forma mais sistemática sobre a arquitectura da água no Porto: o primeiro, da autoria de Antão de Almeida Garrett (Aquedutos, fontes e chafarizes do velho Porto, in *Boletim Cultural*, vol. XXIV. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1961, p. 127-203), onde o autor insere imagens das plantas existentes no Arquivo Histórico Municipal do Porto; e o segundo, de Bernardo Xavier Coutinho (Fontes e chafarizes do Porto. A propósito de um problema de toponímia, in *Boletim Cultural*, vol. XXXII. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1969, p. 397-440, com numerosas imagens).

Em 2000, foi publicada pelos serviços Municipalizados de Águas e Saneamento do Porto, uma obra intitulada *Fontes e chafarizes do Porto* da autoria de Germano Silva (com nota prévia de Orlando Gaspar e prefácio de Francisco Ribeiro da Silva). A obra, de grande aparato gráfico, está dividida da forma seguinte: uma apresentação; três capítulos (Fontes da nossa memória, Fontes em actividade, Fontes reconstituídas); um glossário (com cinco entradas); um levantamento sobre a água e as fontes na toponímia do Porto; e uma bibliografia muito incompleta. Cada um dos três capítulos é antecedido por um índice e uma útil

localização das diversas fontes e chafarizes da cidade.

O autor, em cada capítulo, e seguindo o esquema estabelecido de memória/funcionamento/reconstituição, vai inventariando as diversas estruturas através de imagens, (plantas do Arquivo Histórico Municipal do Porto, postais e fotografias antigas e actuais), algumas de excelente qualidade, acompanhadas por um texto constituído por nótulas históricas, onde o estudo de cada uma das fontes está praticamente ausente, exceptuando referências ao abastecimento de cada uma delas, tema, que nos parece, na presente obra, de menor importância, e que é referido por outros autores (*O Tripeiro* de 1913 e de 1968). A qualidade da informação visual necessitava de uma análise de cada um dos exemplares apresentados, ainda que se reconheça a complexidade de tal

opção, já que a descrição formal não permite chamar-se a um espaldar «coluna cimeira e central» (p. 25), designar as duas volutas por «dois ornamentos em forma de caracol» (p. 25), e denominar um frontão curvo interrompido de «meio círculo interrompido» (p. 82). A obra *Fontes e chafarizes do Porto*, pela forma como foi organizada, fica como um roteiro, que tentou ser exaustivo, de uma das estruturas mais fascinantes do mundo urbano mas, utilizando a imagem com que o autor termina a sua Apresentação, o caminho (aberto por Antão de Almeida Garrett e Bernardo Xavier Coutinho, entre outros), ao qual o autor juntou o seu contributo, continua «como diria Garcia de Resende [...] aberto a quem mais quiser dizer...».

*Joaquim Jaime B. FERREIRA-ALVES*

*Jerónimo Münzer (1460? - 1508)*

Jerónimo Münzer ou Monetário, médico, humanista, editor, cosmógrafo, diplomata, peregrino e viajante, nasceu em FeldKirch em data desconhecida (1460?), estudou na Universidade de Pavia onde se doutorou em Medicina no ano de 1479. A sua acitividade profissional é exercida em Nuremberga, a partir de 1480, obtendo o direito de cidadão *nuremburgensis* após dois anos de residência nessa cidade alemã. Dois surtos de peste determinam-lhe caminhos diferentes: o primeiro leva-o a Itália de 1484 a 1485, permanecendo durante esse tempo em Roma, regressando a Nuremberga; o segundo, em 1494, que culmina na execução da viagem à Península Ibérica na companhia de três amigos, filhos de comerciantes versados em italiano e em francês, - António

Herwart, de Augsburgo, Gaspar Fisher e Nicolau Volkenstein - , e que durará até 1495. Regressou à Alemanha vindo a morrer em 1508, na cidade de Nuremberga.

Não foi o exercício da sua actividade profissional que lhe conferiu renome e prestígio, mas sim a ligação à esfera política alemã, particularmente na pessoa do imperador Maximiliano, e à Cosmografia através da escola de Nuremberga. Em nome do imperador alemão endereçou uma carta ao rei João II de Portugal, datada de 14 de Julho de 1493, para lhe propor a realização de uma viagem marítima por Ocidente para chegar à terra oriental do Catai, expedição que seria comandada por Martim Behaim. Igualmente, em nome do mesmo imperador, terá realizado a viagem

que empreendeu à Hispânia em 1494-1495 e que se traduziu por contactos directos com João II de Portugal, em Évora e os reis católicos Fernando e Isabel, em Madrid. Este périplo peninsular foi objecto de um relato escrito em latim levado a cabo por Münzer com o título *Itinerarium sive peregrinatio excellentissimi viri, artium ac utriusque medicine doctoris Hieronimi Monetarii de Feltkirchen, civis Nurembergensis*, juntamente com um apêndice *De Inventione Africæ maritimæ et occidentalis videlicet Geneæ per infantem Heñricum Portugailiæ*, actualmente existentes na Biblioteca de Munique - Codex Latinus Monacensis 431 (CLM 431). Uma das primeiras referências a este manuscrito data de 1847. Em 1920, Ludwig Pfandal faz publicar na «Revue Hispanique» o *Itinerarium Hispanicum Hieronymi Monetarii (1494-1495)*. As traduções castelhanas deste itinerário surgem em 1924 no «Boletim da Academia Real de História» da autoria de Júlio Puyol; em 1951, José Lopéz Toro faz nova tradução com prólogo de Manuel Gómez-Moreno. Da síntese destas traduções e estudos críticos surge, em 1991, nova publicação do itinerário de Münzer - *Viaje por Espana y Portugal (1494-1495)* - com nota introdutória de Ramón Alba. A relação da viagem respeitante à sua visi-

ta a Portugal, bem como o apêndice referente à Guiné e às descobertas no tempo do Infante D. Henrique foram objecto de estudo e tradução feitos por Basílio de Vasconcelos, em 1932.

A leitura destes informes permite algumas conjecturas políticas nomeadamente o propósito desta viagem de Münzer não ser mais do que um diplomata ao serviço do imperador Maximiliano, a julgar pela forma amistosa como foi recebido por João II, pela variedade de assuntos abordados em oito horas de conversação - *ex ore regis qui quater me ad tabulam suam vocabat et bene octo horis mihi, aliis dominus silentibus, locutus est in cosmographia, in qua callet, medicina et aliis* -; as facilidades concedidas na deslocação a Lisboa, com autorização para visitar a Casa da Guiné e da Mina, o registo da existência de um mapa mundo com 14 palmos de diâmetro - *cosmographian in máxima et bene descripta tabula deaurata cuius dyametererat 14 paímorum* - o encontro em Évora com Cataldo de Sículo, no Porto com Eduardo de Calvo e a sua ligação com o cosmógrafo alemão João Landsperg. Por outro lado, assinala-se a forma como se dirige aos reis católicos, num discurso laudatório em latim em que informa que a sua deslocação a

Espanha era a de confirmar na realidade aquilo que se ouvia dizer sobre a prosperidade deste espaço político. Abertamente apela ao espírito de cruzada dos reis católicos para a conquista da Terra Santa e do Santo Sepulcro em Jerusalém e enaltece o poder e glória destes monarcas. No final deste discurso ressalva a necessidade de obtenção de um salvo-conduto que lhe permita sair de Espanha em direção à Alemanha. Poderá este discurso prenunciar a política de casamento entre os reis católicos e a Alemanha já que ,em 1496, Joana de Castela casa com Filipe o Belo, filho de Maximiliano?

Assinalem-se também os contactos que Münzer estabeleceu com figuras eminentes de Espanha como frei Bernardo Boil, Pedro Mártir de Angleria e frei Fernando de Talavera, além de muitas figuras da nobreza. Digno de registo neste Itinerarium é a forma como Münzer se deslumbra com o que observa no seu périplo peninsular, que se inicia em Perpignan, passando, entre outros locais, por Barcelona, Valência, Alicante, Granada, Málaga, Sevilha, Évora, Lisboa, Santarém, Coimbra, Porto, Barcelos, Santiago de Compostela, Benavente, Salamanca, Toledo, Madrid, Guadalajara, Saragoça, Tudela, Pamplona. Atendendo ao meio de transporte

usado por Münzer e pêlos seus companheiros - o cavalo - e a extensão do périplo, é notável a entrega à deambulação que lhe permite recolher tantas informações e descrever sítios e monumentos com tanto pormenor. Saliente-se, na paragem em Granada, o seu encanto pela beleza do Alhambra e a descrição das práticas religiosas e do vestuário dos sarracenos; em Lisboa, a relevância dada à riqueza dos judeus, à opulência comercial dos mercadores alemães e a enumeração dos produtos do comércio da Casa da Mina; em Santiago de Compostela, a feitura de uma planta da igreja de Santiago e a descrição pormenorizada do Mosteiro de Guadalupe. Tal como outros viajantes seus contemporâneos há a constante preocupação de recorrer à homologação pelo vivido, sendo o seu referente a urbe alemã. Jerónimo Münzer também surge associado à escola de Nuremberga não só como editor de obras sobre Geografia, mas também a Martim Behaim e Hartmann Schedel. Deste modo, terá colaborado na feitura do globo terrestre de Martim Behaim, datado de 1492 e na obra de Schedel *Liber Chronicarum*. A carta enviada a João II em 1493, através de Martim Behaim e que foi traduzida para português por Manuel Álvaro

Torres, revela o interesse de Münzer pelas navegações marítimas bem como o apêndice das descobertas referentes à navegação e exploração da costa africana levadas a cabo por Diogo Gomes, que lhe terão sido possivelmente fornecidas por Valentim Fernandes. Münzer e a sua obra

constituem uma referência obrigatória dos relatos de viagens dos europeus do século XV e, particularmente, uma fonte de pesquisa sobre a vida e os costumes da Hispânia Quatrocentista.

*João Paulo Abreu LIMA*